



DENI DE ALMEIDA MAZUR

MARCAS DO PATRIARCADO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM *TO THE Lighthouse* DE VIRGINIA WOOLF

LAVRAS - MG 2020

DENI DE ALMEIDA MAZUR

MARCAS DO PATRIARCADO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM *TO THE Lighthouse* DE VIRGINIA WOOLF

Artigo apresentado à Universidade Federal de Lavras,
como parte das exigências do Curso de Letras –
Português/Inglês e Suas Literaturas, para a obtenção
do título de Licenciado.

Profa. Dra. Isabel Cristina Rodrigues Ferreira
Orientadora

LAVRAS – MG 2020

RESUMO

Pretendeu-se, nesse trabalho, analisar as marcas do patriarcado nas personagens femininas no romance *To the Lighthouse* (1927), de Virginia Woolf, a partir da técnica narrativa de fluxo de consciência, que teve origem na psicologia. Para que fosse possível tal análise, utilizou-se como referencial teórico sobre o fluxo de consciência os textos de William James (1892) e de Robert Humphrey (1976) e sobre o patriarcado e os movimentos feministas os de Branca Alves, Jacqueline Pitanguy e Juliana Attie. Observa-se, por exemplo, que o uso da técnica narrativa para a construção de personagens revela ideologias de uma sociedade patriarcal opressora, bem como a busca pela liberdade feminina. Assim, busca-se familiarizar o leitor com os conceitos teóricos que serão usados na análise do texto literário. Concluindo-se, por fim, que o uso da narrativa em fluxo de consciência é de fundamental importância para a criação de um ambiente verossímil, no qual se possa representar tanto a opressão, quanto as reflexões dos oprimidos.

Palavras-chave: Fluxo de consciência. Personagem feminina. Patriarcado. Virginia Woolf.

ABSTRACT

The aim of the work was to analyze the marks of patriarchy in female characters in the novel *To the Lighthouse* (1927), by Virginia Woolf, based on the narrative technique of stream of consciousness, which originated in psychology. In order to make this analysis possible, the theoretical texts on stream of consciousness used were written by William James (1892) and Robert Humphrey (1976) and on patriarchy and feminist movements, by Branca Alves, Jacqueline Pitanguy and Juliana Attie. It is observed, for example, that the use of narrative technique for the characters' construction reveals ideologies of an oppressive patriarchal society, as well as the search for female freedom. Thus, it seeks to familiarize the reader with the theoretical concepts that will be used in the analysis of the literary text. Concluding, finally, that the use of narrative in stream of consciousness is of fundamental importance for the creation of a verisimilar environment, in which one can represent both oppression and reflections of the oppressed.

Keywords: Stream of consciousness. Female characters. Patriarchy. Virginia Woolf.

1. INTRODUÇÃO

Virginia Woolf (1882 – 1941), foi uma escritora e editora inglesa, uma das principais escritoras modernistas do século XX. Tornou-se conhecida com a publicação de *Mrs. Dalloway* (1925), um romance no qual a escritora faz uma crítica à relação patriarcal da sociedade inglesa da época, à dificuldade da mulher conquistar o seu espaço diante da opressão causada pelos homens, por exemplo. Outro trabalho dela também muito conhecido é o ensaio *A Room of One's Own* (1929), visto como um texto feminista, uma crítica à falta de espaço e liberdade que as mulheres sofrem ao longo da história.

Assim, tornou-se famosa por apresentar em suas obras as questões políticas, sociais e feministas na sociedade inglesa da primeira metade do século XX. O presente trabalho, portanto, é focado na análise da persona feminina na obra *To The Lighthouse* de Virginia Woolf, publicada em 1927, por meio da identificação da narrativa em fluxo de consciência usada pela autora, para desenvolver suas personagens, principalmente as femininas, com o objetivo de discutir as marcas do patriarcado como forma de exclusão social da mulher na sociedade inglesa do início do século XX.

Woolf busca denunciar a forma como ela mesmo se via em seu meio social. A autora teve uma educação dentro de casa, seu pai nunca a deixou frequentar faculdades, sua mãe possuía muitas das características da própria Mrs. Ramsay, sendo Lily um autorretrato da escritora. Essa obra é além de um retrato social, um desabafo pessoal.

A narrativa em fluxo de consciência é uma técnica muito utilizada pela autora em sua escrita. Por meio dela, a escritora cria uma maneira peculiar de desenvolver a personalidade de suas personagens, porque permite ao leitor espiar a mente das personagens da obra, criando uma aproximação extremamente íntima entre leitor e personagens.

As mulheres nas obras de Woolf lutam, sonham, revolucionam e questionam seu papel social, sendo o fluxo de consciência a principal ferramenta narrativa que ajuda o leitor a entender, na maioria das vezes, como acontece esse enfrentamento ao patriarcado nos romances da autora. Assim o que lemos é exatamente o que a personagem vê, sente ou lembra naquele momento; acessamos também o que pode não ser verbalizado pelas personagens, como, por exemplo, demonstrar a oposição das mulheres ao sistema social patriarcal.

To The Lighthouse se passa em uma casa de praia pertencente à família Ramsay, onde, além da família composta pelos anfitriões e seus oito filhos, há a presença de alguns convidados em alguns momentos. Com exceção da Mrs. Ramsay e algumas empregadas, há apenas mais duas mulheres na casa, são elas a jovem Minta Doyle e a pintora Lily Briscoe. Apesar da pequena presença feminina, elas, principalmente na figura de Mrs. Ramsay e da pintora Lily Briscoe, são de vital importância para o enredo visto que Mrs. Ramsay abre e fecha a obra.

A presença de Mrs. Ramsay ao final da obra não é física, mas ela está simbolicamente presente na pintura de Briscoe. A pintora ajuda a ressaltar as diferenças de ponto de vista dessas duas mulheres que representam épocas e posições sociais diferentes no enfrentamento ao patriarcado. Elas se admiram mutuamente, ou seja, uma admira na outra a força interna com que lutam por reconhecimento e respeito.

Para atingir os objetivos de um trabalho focado na análise de um texto literário, optei por fazer uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Justifica-se essa escolha por, como afirma Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Fonseca (2002) complementa a ideia ao colocar que

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta. (FONSECA, 2002, p. 32)

Assim, o trabalho, foi dividido em contextualização sobre a técnica de fluxo de consciência na psicologia por William James e na literatura por Robert Humphrey, tal técnica é crucial para a construção da verossimilhança das personagens, bem como uma ferramenta de denúncia da autora sobre a exclusão deliberada das mulheres na sociedade patriarcal inglesa; história do patriarcado, seguido da análise de Mr. e Mrs. Ramsay e suas relações com a opressão patriarcal e, por fim, uma análise de Lily, utilizando a narrativa em fluxo de consciência como espaço livre para sua manifestação sobre as relações patriarcais no romance.

Pautou-se, para abordar questões sobre o movimento feminista e o patriarcado, nos trabalhos de Branca Alves, Jacqueline Pitanguy e Juliana Attie. Concluindo-se, por fim, que o

uso da narrativa em fluxo de consciência em *To the Lighthouse* por Virginia Woolf é de fundamental importância para a criação de um ambiente verossímil, no qual se possa representar tanto a opressão, quanto as reflexões dos oprimidos.

2. FLUXO DE CONSCIÊNCIA NA LITERATURA

O termo fluxo de consciência (*stream of consciousness*), foi cunhado pelo psicólogo William James em 1892. O termo serve para designar o processo mental no qual nossas ideias pré-verbais são concebidas. Em seus estudos James definiu quatro características inerentes ao que é a consciência, são elas

- 1) Every 'state' tends to be part of a personal consciousness.
 - 2) Within each personal consciousness states are always changing.
 - 3) Each personal consciousness is sensibly continuous.
 - 4) It is interested in some parts of its object to the exclusion of others, and welcomes or rejects – *chooses* from among them, in a word -- all the while.¹
- (JAMES, 1892, s.p.)

Além disso, James se refere ao fluxo de consciência como a forma como nossos pensamentos fluem em nossa mente consciente; todo pensamento é suscetível ao estado de espírito de uma pessoa. Logo, por meio dessa fluidez não é possível afirmar que se “pensa”, mas que se está “pensando” pois, ele é contínuo e sentimental como afirma James em

The first and foremost concrete fact which every one will affirm to belong to his inner experience is the fact that *consciousness of some sort goes on*. 'States of mind' succeed each other in him. If we could say in English 'it thinks,' as we say 'it rains' or 'it blows,' we should be stating the fact most simply and with the minimum of assumption. As we cannot, we must simply say that *thought goes on*.² (JAMES, 1892, s.p.)

Assim, James demonstra em seus estudos que a consciência pessoal é organizada de forma sentimental e fluida. Por mais que tentemos organizar os fatos que conhecemos em ordem cronológica, com início meio e fim bem definidos, em um momento pré-verbal, selecionaremos

¹ 1) Cada ‘estado’ tende a fazer parte de uma consciência pessoal. 2) Cada estado de consciência pessoal está sempre mudando. 3) Cada consciência pessoal é sensivelmente contínua. 4) Está interessado em algumas partes do seu objeto com a exclusão de outros, aceita ou rejeita – *escolhe* entre elas, em uma palavra – o tempo todo. (Tradução minha)

² O primeiro e mais concreto fato que todos afirmarão pertencer à sua experiência interior é o fato de que *a consciência de alguma forma é fluida*. ‘Os estados de espírito’ se sucedem nele. Se pudéssemos dizer em inglês ‘pensa’, como dizemos ‘chove’ ou ‘sopra’, estaríamos declarando tal fato de maneira simples e com um mínimo de suposições. Como não podemos, devemos simplesmente dizer que *o pensamento flui*. (Tradução minha)

primeiro as lembranças mais pessoais para nós e faremos ligações internas sem tempo cronológico. Só então selecionamos a maneira mais coerente de externá-las para um leitor ou ouvinte, bem como fazemos a seleção lexical desses pensamentos.

Dessa forma podemos entender o uso do fluxo de consciência, na literatura, como uma técnica para explorar a parte sentimental das personagens, permitindo desse modo que se extrapole a linearidade temporal da narrativa. Narrar o pensamento das personagens também nos permite ter acesso a opiniões particulares que as outras personagens da obra não necessariamente terão conhecimento por estarem, muitas vezes, em desconformidade com o *status quo*.

É importante citar que a narrativa em fluxo de consciência pode ser facilmente confundida com o monólogo interior, no qual a personagem tem seus pensamentos expostos ao leitor. Essa possível confusão se deve a origem dos termos, enquanto o primeiro surgiu na área da psicologia, buscando entender os complicados processos mentais que fluem na mente humana e geram o que conhecemos como pensamento, o segundo surge como uma necessidade literária de narrar os pensamentos das personagens, mas não necessariamente suas emoções. Assim, sobre tal técnica narrativa, Humphrey define

O monólogo interior é, então, a técnica usada na ficção para representar o conteúdo e os processos psíquicos do personagem, parcial ou inteiramente inarticulados, exatamente da maneira como esses processos existem em diversos níveis do controle consciente antes de serem formulados para fala deliberada. (HUMPHREY, 1976, p. 22)

Assim posto, é importante pontuar o motivo pelo qual os dois termos existem dentro do campo da literatura, dada as suas diferentes origens. Tal qual o monólogo interior, o fluxo de consciência narra os tais processos psíquicos da personagem. Podemos considerar que a diferença notada, da qual se fez a necessidade de trazer o termo da psicologia para a literatura, seja exatamente o nível de controle consciente presente nessas técnicas.

O fluxo de consciência parte de um ponto mais profundo na consciência da personagem, em alguns momentos até mesmo do inconsciente. Essa marca aparece, como dito anteriormente, por meio de uma narrativa que ignora os princípios de pontuação, tempo e espaço. Tal como somos surpreendidos por pensamentos que nos conectam ao passado, que nos levam a planejar o futuro e que ainda nos mantêm no presente, essa técnica faz as palavras fluírem, ligando imagens aparentemente desconexas, mas que simbolicamente vão revelando a personalidade da personagem.

Dessa fluidez e desapego com as regras narrativas e gramaticais surgiu a necessidade de se adotar um termo não literário que busca entender o pensamento e, suas sinapses; como nossa mente está ligada ao nosso humor e como nosso humor pode mudar repentina e drasticamente, arrastando consigo tudo que estávamos organizando mentalmente sem se desligar do momento que estávamos antes. Para exemplificar, Humphrey, menciona assim a introspecção presente nos romances de Virgínia: “buscava formular os processos e as possibilidades da compreensão interior da verdade – uma verdade que ela considerava inexprimível; conseqüentemente, só podia encontrar esse processo de compreensão em um nível da mente que não é expresso” (HUMPHREY, 1976, p.11).

O fluxo de consciência, como técnica literária, portanto, busca demonstrar que pensamentos não precisam ser narrados como quadros, momentos, mas sim que podem ser apresentados como janelas para mundos internos, interiores, nos quais observamos o íntimo das personagens, sem que alguém nos diga o que aquilo significa, nos deixando livres para interpretar.

É necessário entender a personagem e o contexto para entender o que se vê pela janela, não haverá uma voz narrativa que nos dirá em que tempo e onde o que vimos aconteceu; o que estamos “vendo” são os pensamentos, planos ou memórias que a personagem vive naquele momento, e que não necessariamente se relacionam com o mundo fora de sua mente. A própria Virginia (1925) busca esclarecer seu método de escrita no ensaio “Modern Fiction” quando afirma que “Registremos os átomos à medida que caem sobre a mente na ordem que caem, tracemos o padrão, por mais desconexo e incoerente que possa parecer que cada visão ou incidente registra na consciência” (WOOLF apud HUMPHREY, 1976, p.28). Assim sendo a autora busca registrar na escrita o momento que a personagem está vivendo e sentindo, por mais que pareça, à primeira vista, desconexo ao leitor, esses momentos farão sentido conforme avançamos no texto literário.

Por fim, podemos entender melhor que apesar de ambas as técnicas (fluxo de consciência e monólogo interior) buscarem revelar ao leitor o pensamento das personagens, cada técnica possui um nível de profundidade psicológica diferente. Resumindo, o fluxo de consciência se refere ao nível mais profundo da organização dos pensamentos, muito mais influenciado pelas emoções e impulsos das personagens, sendo assim descritos de maneira a ignorar certas regras gramaticais e misturar tempos verbais em vista de retratar a fluidez dos pensamentos. O monólogo interior, por sua vez, age como uma ferramenta narrativa mais coesa,

pois é do interesse do narrador nos explicar o pensamento da personagem, e não o expor em sua forma bruta, como é o objetivo do fluxo de consciência. Assim sendo, tomando o fluxo de consciência como forma de acessar o íntimo das personagens de *To the Lighthouse*, vamos refletir, a seguir, sobre o movimento feminista como forma de reagir ao patriarcado no contexto histórico para analisar os questionamentos feitos pela escritora.

3. MOVIMENTO FEMINISTA COMO REAÇÃO AO PATRIARCADO

O corpo social desde a antiguidade tende a ser liderado pela figura masculina – sociedade patriarcal –, visto que ao homem competia a liderança de seus clãs, altos cargos na sociedade, na política, no direito à propriedade, ao voto, entre outros fatores. Assim, no curso da história ocidental, a mulher permaneceu à sombra do homem. Na Grécia Antiga, a figura feminina era subserviente ao pai ou ao esposo, sua existência estava voltada para o ambiente doméstico, ou seja, para a procriação e educação dos filhos, os cuidados da casa e a obediência à figura senhorial como argumenta Funan (2002):

Em todas as fases da vida, havia muitas diferenças entre homens e mulheres da Grécia Antiga. As mulheres gregas viviam separadas dos homens em cômodos diferentes reservados a elas dentro da casa, chamados de gineceus, onde ficavam confinadas a maior parte do tempo. As mansões da elite eram divididas em duas partes, masculina e feminina. As meninas também pouco contato tinham com os meninos depois da primeira infância, como mandava a “boa educação”. Elas tinham brinquedos que se referiam à vida que teriam como adultas, basicamente como mães e donas de casa, dedicadas à costura da lã, ao cuidado dos filhos e ao comando dos escravos domésticos. (FUNAN, 2002, p. 43)

Dando continuidade ao percurso histórico, a idade medieval foi marcada pela voz masculina sobrepondo-se à feminina, de modo que a mulher era vista como um indivíduo de menor valor. Essa ideia era propagada pela Igreja que influenciava diretamente diversos setores da vida medieval como a política, o jurídico e, principalmente, os aspectos sociais com suas doutrinas puritanas. As mulheres que desacataram esses dogmas regidos pelo clero, tornaram-se grandes vítimas de violência e opressão, sob a acusação de serem bruxas ou feiticeiras:

De que são acusadas, afinal? De muitas coisas, misturadas. [...] Em primeiro lugar, elas ofendem a razão e a medicina moderna, por suas práticas mágicas. Têm a pretensão de curar os corpos, não somente com ervas, mas com elixires

elaborados por elas e com fórmulas esotéricas. [...] Elas manifestam uma sexualidade desenfreada: têm a “vagina insaciável”, segundo Le Marteau des socières. Praticam uma sexualidade subversiva. (PERROT, 2007, p. 89)

Em contraposição a esse pensamento, em civilizações anteriores, a posição da mulher estava associada à fonte de vitalidade e fertilidade.

No que se refere, ao período Renascentista, ocorrido na Europa em meados do século XIV até final do século XVI, ele busca por mudanças no cenário das artes, da literatura, da política, sociocultural, etc, marcado pela ideia de um renascer de um novo homem para um pensar mais racional. Durante o Renascimento os diferentes perfis dispostos à mulher no meio social alicerçaram-se, de acordo com Alves e Pitanguy (1991) aos valores maternais/afetivos, havia diferença entre as camadas sociais; a privação a direitos de propriedade em grande parte da Europa, porque pertenciam aos primogênitos; e a posse de um dote para assegurar um bom casamento, porque era visto como uma forma de somar fortunas, garantindo ascensão social. Portanto, nota-se o caráter servil e submisso que a mulher ocupava, bem como a exclusão social da qual era vítima no período do Renascimento, período esse que possuía, em seu alicerce, forte base social sobre o modelo patriarcal.

Posterior ao período renascentista, pode-se destacar inúmeras mulheres que lutaram contra a subjugação e passividade feminina na sociedade, através de seus escritos e manifestos que, posteriormente, alavancariam o movimento feminista e a crítica literária feminista. Além disso, a Revolução Francesa (1789-1799) influenciou de maneira efetiva a busca pelos direitos igualitários entre homens e mulheres, apesar de ao estabelecer a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, associar a ideia de Igualdade, Fraternidade e Liberdade somente aos homens. Assim, as mulheres tiveram seus direitos vetados, resultando na sua exclusão social e não reconhecimento de sua cidadania e igualdade de sexos.

O período marcado pela regência da Rainha Vitória (1837-1901), na Inglaterra, foi caracterizado pela exaltação dos valores morais e castos, vendo o lar como ambiente virtuoso e guardião da família, e se contrastava com discussões em torno do processo de emancipação das mulheres, avançadas ao final da década de 1840, com a primeira onda feminista. Complexas mudanças no papel social da mulher provêm da época da Revolução Industrial, processo ocorrido na Inglaterra no final do século XVIII e início do século XIX que se caracteriza pela implementação do processo econômico capitalista. Logo, essa fase de transformações socioeconômicas para a mulher é marcada pela sua inserção no mercado de trabalho, mediante

pagamento salarial inferior ao dos homens, e a atribuição de outras funções além dos afazeres do ambiente doméstico.

O feminismo, como movimento, se consolidou como um discurso de caráter intelectual, filosófico e político que busca romper os padrões tradicionais, acabando com a opressão sofrida ao longo da história pelas mulheres, como aponta Alves e Pitanguy (1991). Há uma teoria que divide esse movimento feminista em três fases: a primeira se consolidou em torno da luta pela igualdade de direitos de homens e mulheres, questionando o poder político negado a elas; a segunda se refere às ideias e ações associadas à igualdade jurídica e social das mulheres, mas sem considerar a questão da divisão de classes, da segunda metade da década de 1960 até o final dos anos 1980; e a terceira, a partir de 1990, pode ser considerada como uma continuação e uma reação às falhas da segunda fase, questionava questões culturais, sociais e políticas das mulheres, principalmente levando em consideração as diferenças raciais e étnicas.

No período da primeira onda feminista, Virginia Woolf, abordou as questões feminista em seus textos, como no ensaio *A Room of One's Own* (1929), por meio de uma postura contestadora em relação às convenções políticas, históricas e literárias. Cuddon destaca que

Her book *A Room of One's Own* (1929) was to become a classic 'document' (q.v.) of the feminist critical movement. She addressed herself to the issue of why there were so few women writers and why it is frequently difficult or impossible for a woman to write.³ (CUDDON, 1999, p. 31)

Ou seja, nesse ensaio, Woolf denuncia a marginalização ou exclusão de escritoras da tradição literária dominada pelo cânone masculino. Corroborando com suas ideias, Woolf, no romance *To The Lighthouse*, decidiu dar voz a personagens femininas por meio da técnica do fluxo de consciência, trazendo à tona a questão do papel da mulher na sociedade inglesa que, para a maioria da população feminina, “se restringia a servir como esposa, mãe e dona de casa” (ATTIE, 2012, p. 23).

Essas ideias, no entanto, eram ditas apenas no íntimo de tais personagens, seja para evitar conflitos ou para se submeter a certas regras sociais. Além disso, enfatizou a necessidade do homem em impor a superioridade masculina, como forma de afirmar o “seu poder, possuindo alguém para humilhar, dominar e determinar o destino, com o intuito de se fortalecer” (ATTIE, 2012, p. 23).

³ Sua obra *Um Teto Todo Seu* (1929) se tornaria um documento clássico do movimento da crítica feminista. Ela se dirigiu para a questão de por que havia tão poucas mulheres escritoras e por que é frequentemente difícil ou impossível para uma mulher escrever. (Tradução minha)

Em suma, os homens eram socialmente vistos como a expressão máxima da inteligência e da razão que fundavam a cultura e a história; a eles cabiam a decisão, a razão e a esfera pública. As mulheres têm o coração, a sensibilidade, as emoções e, principalmente, a fraqueza. Portanto, o patriarcado definia os papéis sociais colocando as mulheres como inferiores em todos os segmentos sociais, políticos, históricos e culturais.

4. ANÁLISE DAS PERSONAGENS: RUPTURA COM O PATRIARCADO

4.1. MR. RAMSAY

A obra se inicia com um diálogo entre Mrs. Ramsay e o seu filho mais novo James sobre a ida deles ao farol, evento esse que é muito esperado por esse filho. Essa cena é interrompida, logo em seguida, com a aparição de Mr. Ramsay, que da janela contradiz a esposa, como mostra o seguinte diálogo:

“Yes, of course, if it’s fine tomorrow,” said Mrs. Ramsay. “But you’ll have to be up with the lark,” she added.

“But,” said his father [Mr. Ramsay], stopping in front of the drawing-room window, “it won’t be fine”.⁴ (WOOLF, 1927, p. 160)

A situação acima revela aos leitores traços da personalidade da Mrs. e Mr. Ramsay e do tipo de relação que o casal mantém. Enquanto Mrs. Ramsay é uma dona de casa e mãe exemplar, sempre buscando acalantar as pessoas que se encontram sob o seu teto, Mr. Ramsay tem a prerrogativa para agir de acordo com sua vontade e interesse, desconsiderando as outras pessoas. Esse aspecto pode ser observado no exemplo a seguir:

Such were the extremes of emotion that Mr. Ramsay excited in his children’s breasts by his mere presence; standing, as now, lean as a knife, narrow as the blade of one, grinning sarcastically, not only with the pleasure of disillusioning his son and casting ridicule upon his wife, who was ten thousand times better in every way than he was (James thought).⁵ (WOOLF, 1927, p. 160)

A presença de Mr. Ramsay revela-se, portanto, opressora; o que ele diz, poucas vezes, é questionado e suas palavras ferem, na maioria das vezes. Assim, a palavra do pai, que gera

⁴ “Sim, é claro, se o tempo estiver bom amanhã” disse a Senhora Ramsay. “Mas você terá de acordar bem cedo,” ela acrescentou. / “Mas,” disse seu pai [Senhor Ramsay], parando em frente à janela da sala de estar, “não estará”. (Tradução minha)

⁵ Tais eram os extremos emocionais que o Senhor Ramsay causava em seus filhos com sua mera presença; ali estava ele, agudo como uma faca e afiado como uma lâmina, rindo sarcasticamente de não apenas desanimar seu filho mas, também, de ridicularizar a sua esposa, que (pensou James) ser mil vezes melhor que seu pai.

desconforto e tensão, é quase profética e deve ser percebida como regra já que ele se julga superior a todos, principalmente a sua esposa, por possuir um maior grau de instrução acadêmica e por atribuir a ela uma inabilidade de ser levada a sério.

Vale notar ainda que a escolha das palavras para descrever Mr. Ramsay indica agressividade e violência (lâmina e faca). Os próprios homens ao redor dele, por um lado, o temem; seus filhos o veem como uma figura ditatorial e essa presença intimidadora é retomada ao final da obra. Ele, por outro lado, ou teme ofender outros homens quando a mulher é desrespeitada ou concorda com a ofensa feita, preferindo ficar em silêncio.

Fazendo uso do fluxo de consciência a autora retoma as memórias de James sobre seu pai, após um salto temporal de dez anos entre a primeira e a segunda parte do romance. O rancor e o trauma que o filho sente pelas palavras de seu pai quando criança ainda ecoam dentro dele, mas dessa vez, com um olhar mais maduro sobre seu pai, já fragilizado pela idade e pelas memórias, ele percebe que “it was not him, that old man reading, whom he wanted to kill, but it was the thing that descended on him”⁶ (WOOLF, 1927, p. 286).

Essa reflexão de James acontece quando os membros ainda vivos da família Ramsay finalmente se dirigem ao farol. A mãe que era tão valiosa a James, no entanto, já havia falecido, e era justamente o homem que desfez suas esperanças de ir ao farol quando criança que o acompanhava nessa viagem. Então, James, ao notar que provavelmente seu pai, em seu sentimento de superioridade, nunca observou o quanto magoava seu filho, percebe que aquilo que o incomoda e deveria ser morto não era a pessoa, mas as marcas de uma representação social entre James e seu pai

Portanto, a construção de uma figura masculina tão poderosa e opressora surge como metáfora de toda uma sociedade calcada no patriarcado, e delinea o desenvolvimento das personagens femininas na obra. No entanto, apesar de todo esse poder contido na figura de Mr. Ramsay, em vários momentos ele se mostra inseguro, necessitado de atenção e admiração das mulheres à sua volta, em especial de sua esposa, que o admira incondicionalmente e está disposta a ouvir mesmo nunca sendo ouvida de volta. Mrs. Ramsay é aos olhos do marido o seu porto seguro, aquela que conhece suas fraquezas, mas nunca as usará contra ele. Ou seja, ela é uma ferramenta que Mr. Ramsay usa quando passa por momentos de insegurança ou quando deseja impor sua autoridade ignorando, logo em seguida, os sentimentos da esposa.

⁶ “Não era ele, aquele velho lendo, quem eu queria matar, mas sim as coisas que descendiam dele”. (Tradução minha)

Além de Mr. Ramsay somos apresentados a outras personagens masculinas, algumas expressam claramente suas opiniões sobre a educação da mulher, que deve ser priorizada em função do lar. Como exemplo claro dessa posição temos a declaração de Mr. Tansley, um admirador da obra filosófica de Mr. Ramsay, ao se deparar com o quadro que Lily estava pintando “Mr. Tansley whispering in her ear, ‘Women can’t paint, women can’t write’”⁷ (WOOLF, 1927, p.191). Lily não o responde a princípio, pois se torna extremamente insegura sobre a qualidade de sua pintura após o julgamento de Tansley.

A observação de Tansley reforça a crença na inferioridade feminina combatida pelo movimento feminista. A liberdade e naturalidade com que um homem desdenha de uma mulher na obra servem para reafirmar o ambiente social em que as personagens se encontram, retomando, dessa vez de forma mais direta, a opressão patriarcal presente tanto na obra quanto na realidade da autora.

4.2. MRS. RAMSAY

Mrs. Ramsay possui características de uma mulher vitoriana, como personificar a mulher ideal, ou seja, como o anjo do lar descrito por Coventry Patmore em seu poema “The Angel in the House” publicado em 1854 e revisado até 1862. No poema, o poeta descreve como a mulher deveria agir para com o homem, baseando-se em sua própria esposa e refletindo um posicionamento social de submissão da mulher que, apesar da pouca atenção em seu lançamento, foi ganhando força e notoriedade com o passar dos anos: “Man must be pleased; but him to please / Is woman’s pleasure; down the gulf / Of his condoled necessities / She casts her best, she flings herself”⁸ (PATMORE, 1862, p. 74). Ela deve se despir de todos os seus desejos para satisfazer os deles, pois a felicidade dela advém da satisfação do marido, ela deve satisfazê-lo para poder ser satisfeita. Dessa forma, Woolf toma essas características descritas para construir Mrs. Ramsay, representando mais a visão do homem e da sociedade sobre a mulher do que a mulher em si.

Sobre o papel do casamento para a mulher vitoriana, um dos objetivos de Mrs. Ramsay é fazer com que Minta Doyle e Paul Rayley se enlacem. Em seus pensamentos a respeito do

⁷ “Senhor Tansley sussurrou em seu ouvido ‘Mulheres não podem pintar, mulheres não podem escrever’”.

⁸ “O homem deve ser satisfeito; mas ele a satisfazer / O prazer da mulher é; abaixo do golfo / De suas necessidades condolentes / Ela evoca o seu melhor, ela se atira”. (Tradução minha)

matrimônio a anfitriã reflete “[...] people must marry; people must have children”⁹ (WOOLF, 1927, p. 200). Ao reanalisar a sua conduta, no entanto, ela se pergunta se não está pressionando muito Minta, o que a leva a uma reflexão sobre seu próprio casamento e sobre como muitas vezes a própria mulher reproduz a opressão masculina: “Marriage needed — oh, all sorts of qualities (the bill for the greenhouse would be fifty pounds); one — she need not name it — that was essential; the thing she had with her husband. Had they that?”¹⁰ (WOOLF, 1927, p. 200). Percebemos então que em alguns momentos Mrs. Ramsay se questiona brevemente a respeito do seu estilo de vida, mas essas colocações são breves e não possuem um maior desenvolvimento. Talvez a personagem não consiga desenvolver o raciocínio de que a falta de liberdade e reconhecimento em seu relacionamento seja algo real, ou talvez ela queira apenas suprimir esses sentimentos, pois como dito anteriormente, ela foi criada para se casar e satisfazer o seu marido, mesmo que isso custe sua liberdade de expressão.

Como exemplificado anteriormente, Mrs. Ramsay é silenciada pelo marido e menosprezada intelectualmente pelos homens que frequentam a sua casa, mas a escritora nos apresenta a verdadeira força dessa mulher em seus pensamentos. A autoconsciência da anfitriã e sua aguçada percepção, demonstrada por meio do fluxo de consciência, nos faz perceber que ela segue o seu papel na sociedade que habita e, ainda que discorde em muitos aspectos do marido, ela faz suas vontades, mas nunca de forma mecânica.

Mrs. Ramsay foi educada para servir ao homem, mesmo tendo vivido momentos felizes nesse contexto, e, em virtude de sua autoconsciência, admira Lily Briscoe por ter uma formação diferente da dela. Mrs. Ramsay ganha força em Lily, desejando que seja feliz como ela acabou se tornando, mas também entendendo que suas vidas são diferentes e respeitando a pintora. Woolf nos passa uma descrição sobre Mrs. Ramsay que deixa claro como ela vê seu papel social:

Indeed, she had the whole of the other sex under her protection; for reasons she could not explain, for their chivalry and valour, for the fact that they negotiated treaties, ruled India, controlled finance; finally for an attitude towards herself which no woman could fail to find agreeable, something trustful, childlike, reverential [...].¹¹ (WOOLF, 1927, p. 162)

⁹ “[...] as pessoas devem se casar, as pessoas devem ter filhos”. (Tradução minha)

¹⁰ “O casamento necessitava – oh, todo tipo de qualidades (a conta da estufa seria de cinquenta libras); de um – ela não precisa mencioná-la – que era essencial; aquilo que ela tinha com o seu marido. Eles tinham isso?”.

¹¹ De fato, ela tinha todo o sexo oposto sob sua proteção; por razões que ela mesma não podia explicar, pelo cavalheirismo e valor, pelo fato de que negociavam tratados, governavam a Índia, controlavam as finanças; e finalmente por uma atitude para consigo mesma que nenhuma mulher poderia deixar de achar agradável, algo confiável, infantil, reverente [...]. (Tradução minha)

Podemos deduzir, a partir dessa passagem, que Mrs. Ramsay via o sexo masculino como algo a ser protegido e, em sua visão, era papel da mulher prover essa proteção, pois aos homens cabem o papel de liderar e gerenciar as coisas importantes do mundo. Ao descrever como a personagem se sente com relação ao sexo oposto a autora nos entrega uma justificativa para a submissão de Mrs. Ramsay, esse é o seu papel social, ela deve e irá desempenhá-lo, guardando suas discordâncias apenas para si, ou seja, nenhum ato de revolta da personagem será percebido pelas outras personagens.

Apesar da forma como Mrs. Ramsay é tratada, é consenso que sua importância para a união da família e amigos é essencial. Uma das formas encontradas pela autora de demonstrar essa importância da personagem só é verdadeiramente demonstrada na segunda parte do romance. Ao iniciar a segunda parte, revisitamos a casa dez anos após o término da primeira parte da obra, na qual pouco havia sido descrito sobre a casa em si, quando somos informados da morte da Mrs. Ramsay. O narrador começa a apresentar o estado da casa:

The house was left; the house was deserted. It was left like a shell on a sandhill to fill with dry salt grains now that life had left it. The long night seemed to have set in; the trifling airs, nibbling, the clammy breaths, fumbling, seemed to have triumphed.¹² (WOOLF, 1927, p. 254-255)

Com esta citação, percebemos que a vida na casa estava associada simbolicamente à presença de Mrs. Ramsay e aos seus cuidados. Era essa mulher, representante dos ideais da mulher vitoriana que mantinha a casa viva no sentido físico e na harmonia, seu sacrifício pessoal era em prol da união familiar, mais uma vez nos remetendo ao poema de Patmore. A desolação encontrada na segunda parte do romance é extremamente impactante, saímos de uma casa que era descrita como cheia de luz e vida, com o vento agitando as janelas, flores e jardins bem cuidados, para nos depararmos com uma casa em decadência.

A maestria de Woolf ao construir a personagem de Mrs. Ramsay é tão sutil que apenas percebemos sua real importância quando ela se torna ausente, nos fazendo sentir talvez como seu marido se sentiu com sua perda, percebendo finalmente que não deu importância suficiente àquela mulher, e que a erudição que ele gabava possuir não era capaz de manter a união de sua própria família. Assim sendo, a escritora nos entrega uma personagem carregada de simbolismo

¹² A casa foi abandonada, a casa estava deserta. Deixada para trás como uma concha na areia para se encher de sal agora que não havia mais vida dentro dela. A longa noite parecia ter chegado, a brisa insignificante e o ar úmido pareciam ter triunfado. (Tradução minha)

e conexão com os ideais da sociedade vitoriana, que será de vital importância para o desenvolvimento de outra personagem, Lily Briscoe, a pintora que se preocupa mais com a representação de seus sentimentos através da arte e dos estudos do que em encontrar um marido, contrapondo-se ao que Mrs. Ramsay acha importante para completar a vida de uma mulher, como as mulheres de sua época.

4.3. LILY BRISCOE

Lily se configura como uma antítese a Mrs. Ramsay. Enquanto Mrs. Ramsay é a representação da mulher vitoriana, o anjo do lar, Lily demonstra uma opinião contrária ao casamento, a vida com filhos e a ser dona de casa, títulos esses que para Mrs. Ramsay são o sinônimo de uma vida feliz.

Em uma das passagens do romance, Lily, durante um jantar, reflete sobre o seu papel para com um homem e sobre o que se espera que ela, como mulher, seja ou cumpra:

There is a code of behaviour, she knew, whose seventh article (it may be) says that on occasions of this sort it behoves the woman, whatever her own occupation might be, to go to the help of the young man opposite so that he may expose and relieve the thigh bones, the ribs, of his vanity, of his urgent desire to assert himself; as indeed it is their duty, she reflected, in her old maidenly fairness, to help us, suppose the Tube were to burst into flames. Then, she thought, I should certainly expect Mr. Tansley to get me out. But how would it be, she thought, if neither of us did either of these things? So she sat there smiling.¹³ (WOOLF, 1927, p. 221)

A passagem citada é uma narração do pensamento de Lily. Ela não articula tais palavras, tampouco demonstra alguma alteração de comportamento durante o jantar, no entanto podemos ter uma breve noção do que essa mulher pensa sobre como é vista socialmente e como não quer se encaixar no papel social da mulher do ciclo que vive. A narrativa em fluxo de consciência, portanto, revela a sua percepção despertada pelos comportamentos à mesa de outros personagens, principalmente os homens. Apesar de Lily seguir o “código de conduta” que ela conhece sobre como uma mulher deveria agir em situações sociais como essa, ela o segue de forma consciente e sarcasticamente, sabendo suas limitações e objetivos. Ela rejeita as crenças

¹³ Há um código de conduta, ela sabia, cujo sétimo artigo (talvez) diz que é dever da mulher, não importa sua ocupação, ajudar o jovem sentado diante dela, para que ele possa expor e aliviar os fêmures e as costelas de sua vaidade, de seu urgente desejo de autoafirmação; tal como, sem dúvida, é dever deles, ela refletiu com sua sinceridade de solteirona, de nos ajudar em caso, por exemplo, de ocorrer um incêndio no metrô. Então, ela pensou, certamente deveria esperar que o Senhor Tansley me tire daqui. Mas o que aconteceria, pensou se nenhum de nós fizesse nenhuma dessas coisas? Então, sorrindo, sentada ela permaneceu. (Tradução minha)

que Mrs. Ramsay tem, que acredita que apoiar seu marido sob qualquer circunstância é seu dever e um dos motivos de sua felicidade como mulher.

Em outro momento do romance, Lily, mais uma vez, se encontra em uma situação de ter que confortar um homem, confrontando, por conseguinte, o comportamento que era esperado dela em um sistema patriarcal por ser uma mulher. A citação anterior dizia respeito ao seu comportamento durante um jantar, e em resposta às ações de Mr. Tansley, um dos visitantes da casa. Na citação a seguir, ela se encontra no quintal da casa, diante da necessidade de aprovação de Mr. Ramsay, que nesse momento deixa transparecer sua carência por atenção, que deve ser suprida por uma mulher, pois assim devem ser as mulheres, acolhedoras e submissas, como sua esposa.

His [Mr. Ramsay's] immense self-pity, his demand for sympathy poured and spread itself in pools at their feet, and all she did, miserable sinner that she was, was to draw her skirts a little closer round her ankles, lest she should get wet.¹⁴
(WOOLF, 1927, p.264)

Nesse trecho podemos perceber mais claramente a necessidade de Mr. Ramsay em receber apoio incondicional das mulheres que o rodeiam, mas, ao contrário do que era esperado das mulheres, Lily não se curvou diante dele para ajudá-lo, como se estivesse cometendo alguma infração religiosa.

É válido destacar mais uma vez a escolha de palavras da autora. Em um momento de auto reflexão sobre sua postura frente a um homem, a personagem Lily, se rotula como “mísera pecadora”, ou seja, por ela não ter um espírito elevado não se podia esperar que ela manifestasse piedade por Mr. Ramsay, como os anjos do lar costumam fazer.

Lily devota sua existência a sua arte, ela deseja ser reconhecida por sua produção artística, por seus quadros. Ao final do romance a personagem se indaga se seu quadro acabará em um sótão, e, de repente, percebe que isso não importa mais, um ciclo foi fechado. Essa certeza acontece quando ela afirma “He has landed, she said aloud. It is finished”¹⁵ (WOOLF, 1927, p. 303), ao saber que Mr. Ramsay finalmente chegara ao farol. A ida ao farol fechava o ciclo pelo qual sua retratada esperava, ou seja, esse acontecimento trouxe a ela o sentimento que ela precisava para finalizar seu quadro. É também nesse momento que Mr.

¹⁴ Sua [a do Senhor Ramsay] imensa autopiedade, sua necessidade por simpatia derramava e se espalhava em poças aos seus pés, tudo o que ela fez, mísera pecadora que era, foi puxar sua saia um pouco acima dos tornozelos, para evitar se molhar. (Tradução minha)

¹⁵ “Ele aportou, ela disse em voz alta. Está pronto”. (Tradução minha)

Carmichael concorda com ela “They will have landed, and she felt that she had been right”¹⁶ (WOOLF, 1927, p.303), dando a entender que sua opinião foi aceita. Ela finalmente não foi questionada nem desmentida, sentindo-se finalmente pronta para completar o quadro. Lily assim expressa o sentimento que tem naquele momento:

[...] looked at the steps; they were empty; she looked at her canvas; it was blurred. With a sudden intensity, as if she saw it clear for a second, she drew a line there, in the center. It was done; it was finished. Yes, she thought, laying down her brush in extreme fatigue, I have had my vision.¹⁷ (WOOLF, 1927, p. 303)

Nesse momento, ela, em um momento de intensa e repentina inspiração sabe exatamente o que fazer e encerra o quadro com apenas um traço no centro, encerrando assim o arco de todas as personagens do romance. Durante todo o romance ela o retocava, escondia, repensava nas cores e formas que deveriam compor o quadro, bem como se preocupava com o valor artístico de sua obra, até que percebe que o que importa é mostrar os seus sentimentos no quadro. Assim, ela também finaliza o romance.

Por fim, ao analisarmos o comportamento dessas três personagens podemos ver que Virginia Woolf buscou representar em Mrs. Ramsay a opressão patriarcal sofrida por uma mulher sem consciência plena de sua condição social; em Lily Briscoe uma mulher consciente de seu papel social, porém não livre das opressões impostas pelo patriarcado; e por fim, Mr. Ramsay como maior representante da ideologia de um sistema que oprime e inferioriza a mulher.

A submissão feminina nas obras de Woolf emergem no pensamento das personagens em seus romances, bem como as reflexões a respeito da sociedade que as cerca. Tal estilo de escrita e denúncia são recorrentes nos textos de Woolf. Martina Hrbková, em suas análises sobre as obras de escritora, diz

Woolf's texts are important from a feminist perspective because they create refuges for their female characters' mind. Woolf conjures up a textual space where the woman thinks freely and expresses herself without being hindered by societal constraints and trapped in the performance of gender roles.¹⁸ (HRBKOVÁ, 2017, p.19)

¹⁶ “Eles terão aportado, e ela sentiu que estava certa”. (Tradução minha)

¹⁷ [...] olhou para os degraus; eles estavam vazios; olhou para sua tela; estava borrada. Com uma intensidade repentina, como se visse claramente por um segundo, ela fez um traço lá, no centro. Estava pronto; tinha acabado. Sim, pensou, pousando seu pincel com extrema fadiga, eu tive minha visão. (Tradução minha)

¹⁸ Os textos de Woolf são importantes da perspectiva feminista porque eles criam refúgios para a mente de suas personagens femininas. Woolf evoca um espaço textual no qual a mulher pensa livremente e se expressa sem ser impedida por restrições sociais e sem estar aprisionada no desempenho dos papéis de gênero. (Tradução minha)

A partir disso podemos dizer que a técnica de fluxo de consciência, representada em forma de monólogo interior direto, dá uma consistência particular à personagem feminina nessa obra de Virginia Woolf, principalmente a Mrs. Ramsay e a Lily Briscoe. Ao mesmo tempo em que temos personagens presas em um papel social de gênero, temos suas mentes livres, um espaço seguro para expressarem suas emoções e percepções do mundo que as rodeia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como o romance *To The Lighthouse* representa ideologias sociais e de gênero é melhor percebido ao entendermos o comportamento psicológico que nos é revelado aos poucos pela autora por meio das personagens em fluxo de consciência. A profundidade das personagens, criada a partir dessa técnica de escrita, se destaca de outros romances pelo fato do desenvolvimento das personagens se encontrar num cenário interno e íntimo.

A representação social que se mostra no romance é de uma sociedade letrada, composta por filósofos e estudiosos, e patriarcal que menospreza as mulheres. Portanto, a reflexão e análise dessa obra busca ressaltar o mecanismo narrativo usado pela autora para criar não apenas um ambiente mais verossimilhante como para dizer que em alguns casos a única liberdade de uma mulher é em si mesma.

A estrutura da obra não despropositadamente começa com Mrs. Ramsay, a representação de uma ideologia feminina vitoriana, submissa, que se desdobra para proteger o sexo masculino e sua família, revelando assim também a opressão vinda de uma sociedade patriarcal representada principalmente por Mr. Ramsay e finaliza com Lily Briscoe, uma pintora independente e livre, uma mulher moderna que não pensa em se casar, que se sente livre das cobranças sociais e pessoais.

O romance termina com Lily concluindo sozinha sua pintura, significando a superação das tentativas de Mrs. Ramsay em encontrar um marido para a artista plástica, e às investidas de Mr. Ramsay por atenção e devoção. Woolf busca, com essa superação, denunciar os esforços despendidos pelas mulheres para sobreviverem em um sistema social que poda suas habilidades criativas e as inferioriza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

ATTIE, Juliana P. “A desintegração do sistema patriarcal expressa pela crise no romance burguês”. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 34, n. 1, p. 23-29, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/6794>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

CUDDON, John A. B. *The penguin dictionary of literary terms and literary theory*. 4ª ed. New York: Penguin Books, 1999.

FUNAN, Pedro P. *Grécia e Roma*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

HRBKOVÁ, Martina. *Gender Consciousness and Representation in Virginia Woolf's Writing in Light of Contemporary Feminism and Gender Theory*, 2017. Disponível em: <<https://is.cuni.cz/webapps/zzp/detail/173758>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

HUMPHREY, Robert. *O Fluxo de Consciência: Um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy Richardson, William Faulkner e outros*. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

JAMES, William. *The Stream of Consciousness*. Cleveland, New York: Psychology, 1892. Disponível em: <<http://psychclassics.yorku.ca/James/jimmy11.htm>>. Acesso em: 18 mai. 2020.

PATMORE, Coventry. *The Angel in the House*. Henry Morley (ed.). The Project Gutenberg eBook, 2014. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/4099/4099-h/4099-h.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Angela M. S. Côrrea (trad.). São Paulo: Contexto, 2007.

WOOLF, Virginia. *Ao Farol: To The Lighthouse*. Ed. Bilíngue: Português/Inglês. São Paulo: Landmark, 2013.